

À margem, uma vez mais

por JOSÉ CARDOSO PIRES

Redol e Régio — a escassas semanas de distância desaparecem dois construtores de primeira grandeza da nossa realidade literária.

Agora ocorre-me apenas que a mais justa homenagem a prestar-lhes é tratá-los com a mesma exigência com que os encarámos quando vivos. Repensá-los, se possível — sim, talvez isso — mas com a fidelidade indispensável a uma memória e à nossa dignidade de leitores e que, por isso, não se lhes torça a biografia à sombra das impunidades que a morte facilita. Que não se faça com eles o que um certo sector ensaiou com Sérgio, por exemplo.

Assim, Redol continuará a ser caluniado por alguns que o não leram e por outros que jamais conseguiram destrinçar, numa obra tão vasta e ambiciosa, as curvas menores das ascensões admiráveis. Numa altura curiosamente simbólica em que uma opinião devidamente credenciada elege como padrão de literatura o dr. Augusto de Castro, seria ingénuo e inoportuno lembrar o que significa uma responsabilidade de escritor nos quadros de uma cultura nacional. Apurar o grau da sua influência, as novidades da sua voz. As constantes e as mutações portuguesas que detectou. A sua amplitude crítica.

Quando muito poderá registar-se à margem — e sempre «à margem», como é da fatalidade dos verdadeiros criadores neste meio século de vida cultural — que um certo trabalhador das letras, António Alves Redol, cidadão sem passado oficial, lido na pátria e conhecido fora dela por dezenas e dezenas de milhares de leitores, abriu a dado passo da sua vida um novo capítulo da história literária portuguesa; que dessa viragem resultou uma das explosões mais vivas da nossa ficção actual porque dela derivaram prosadores tão diferenciados e tão pessoais como Carlos de Oliveira, Namora, Mário Dionísio,

Manuel da Fonseca, Virgílio Ferreira, Manuel Ferreira, Augusto Abelaira, e tantos mais; que o citado Alves Redol, escritor, procedeu por si mesmo e em circunstâncias de difícil afirmação ao levantamento de um dos mais vastos panoramas da vida do seu país, pois que nessa obra se estudam pela primeira vez ou se consideram sob novos ângulos os dramas do campesinato do Ribatejo ou do Alto Douro, da burguesia citadina, dos pescadores da Nazaré, do feudalismo contemporâneo, da emigração estrangeira na cidade aberta de Lisboa, etc.; que o mesmo Redol deixou escrito, para testemunho de todos nós e ilustração das letras, um dos maiores romances da bibliografia portuguesa — Barranco de Cegos, assim chamado — e no qual, lado a lado com A Casa Grande de Romarigães, de Mestre Aquilino Ribeiro, se descreve com verdade psicológica, imperiosa actualidade e profético simbolismo, o desmanchar da nossa feira medieval. Que etc. Aponte-se o registado e fixe-se: «à margem».

Do mesmo modo com Régio. Régio, poeta de Deus e do Diabo, menos, muito menos votado às incomodidades do tempo do que Redol, Régio marca também uma viragem nos destinos da literatura portuguesa. O seu combate por um ideal estético a certa idade das nossas letras pode revelar-se aos olhos de muitos, e revelou-se de facto, como desactualizado e inconsistente. Teria sido, se quisessem, uma obstinação de fidelidade, uma coerência nostálgica. Mas nem por isso deixou de ter

uma importância histórica valiosíssima — e mais: sejam quais forem as obscuridades da exegese, sublinhem-se-lhe as contradições que se lhe sublinham, nunca o extraordinário narrador de A Velha Casa ou das Histórias de Mulheres poderá sair minimizado da controvérsia suscitada pela sua ensaística. Nunca o veio dramático do misticismo que se lhe apanha ao correr dos admiráveis versos o poderá enfeudar a complicitades metafísicas que em vida não assumiu.

Portanto, e à margem, também sempre à margem, o nome de Régio tem o peso específico de um autêntico padrão de literatura porque dispõe de voz própria, pessoal, porque subcreveu e ampliou uma nova maneira de auscultar a nossa realidade e porque, finalmente, lhe cabe uma responsabilidade bem definida na evolução da ficção nacional. Mesmo sem o

(Continua na 9.ª página)

À margem, uma vez mais

(Continuação da 1.^a página)

distanciamento da memória há uma serenidade de juízo que se torna minimamente indispensável para o situar. Distinguir nele, como em tantos outros, as teses do seu ideário no terreno em que se polemizam é importante, mas não impede o reconhecimento do impulso genuíno da sua personalidade nem esbate a presença significativa que lhe cabe na formação de uma cultura. Precisamente o que fez o neo-realista Redol ao votar no presencista Régio no acto da atribuição do prémio Diário de Notícias.

Agora, que ambos nos deixaram, penso que é justificável toda e qualquer inquietação sobre as assimilações póstumas que a cidade venha propor. Isso, as expropriações post-mortem são — aviso aos incautos — as flores de piedade com que os coveiros das letras enfeitam, regra geral, o seu canteiro desprestigiado. O oportunismo impune, afinal.

Mas estamos — significativamente, insisto — no momento em que se procede à proclamação pública de uma concepção de escritor. Ou seja, no momento em que se ratificam certos valores de cultura e se lhes atribui uma imagem exemplar. A Universidade distingue um diplomata, jornalista e homem de letras, consagrando nele as virtudes intelectuais que o seu código prescreve. E é justo, penso eu. Há nisso uma coerência que não se pode deixar de ter como saudável e que em capítulos anteriores se demonstrou com manifestações eloquentes. Ocorrem-me várias, mas se, entre todas elas, me vem à lembrança o dr. Manuel Lopes de Almeida a afirmar na sua célebre oração contra Aquilino que o Mestre (Mestre é meu, J. C. P.) «apenas merece a caridade de o deixarem sobreviver literária-

mente» é porque considero isto a homenagem mais oportuna que os realmente escritores podem encontrar por muitos anos à memória do grande romancista. E também porque, nesta data e nesta consagração universitária do dr. Augusto de Castro vem a propósito verificar uma continuidade de espírito que deve ser posta bem alto e em citação de rosto.

À margem anotarei apenas que morreram Alves Redol e José Régio, escritores.